

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Gabriela de Amorim Folha Xavier

Papel para Vestir

Uma coleção feminina experimental inspirada nos origamis

Rio de Janeiro

2021

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI/CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Gabriela de Amorim Folha Xavier

Papel Para Vestir

Uma coleção feminina experimental baseada nos origamis

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Profª Orientadora: Ana Paula Lima de Carvalho

Rio de Janeiro

2021

Ficha catalográfica

Folha, Gabriela

Papel para vestir: uma coleção feminina experimental baseada nos origamis/ Gabriela de Amorim Folha Xavier. – Rio de Janeiro, 2021.

79 p.

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI-CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

1.Design de Moda. 2. Origami. I. Título.

Gabriela de Amorim Folha Xavier

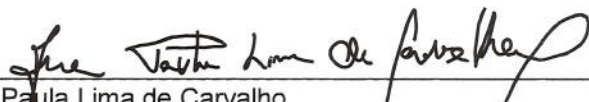
Papel Para Vestir

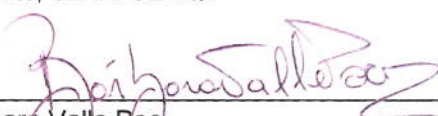
Uma coleção feminina experimental baseada nos origamis

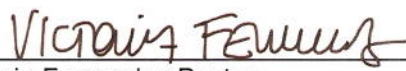
Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

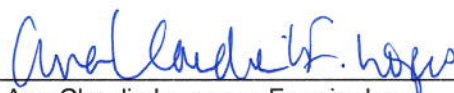
Data de Aprovação: 02/12/2021.

Banca Examinadora:


Ana Paula Lima de Carvalho
Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente, SENAI CETIQT


Bárbara Valle Poci
Pós-graduada em Design de Estamparia pelo SENAI CETIQT
Docente, SENAI CETIQT


Victoria Fernandez Bastos
Mestre em Design pela Universidade Federal de Pernambuco
Docente, SENAI CETIQT


Ana Claudia Lourenço Ferreira Lopes
Coordenador do Bacharelado em Design

Dedicatória

Dedico esse trabalho à pessoa que admiro desde o momento que abri os olhos: minha mãe. De antemão, já me desculpo pelos momentos de ausência para que esse estudo consiga ganhar vida. Voa alto, Vagalume!

Agradecimento

Agradeço primeiramente à minha mãe, para quem dedico esse trabalho, meus avós, que me apoiaram mesmo à contragosto quando decidi largar Relações Internacionais para embarcar nessa loucura que é o mundo da moda. Ao meu padrasto, que passeou com a Vibe nos momentos que eu não conseguia nem pensar mais e à Jesica, que é sócia na empresa que inspira esse estudo.

Não posso esquecer do grupo que me manteve sã, ou compartilhou da insanidade, desde os primeiros períodos: Ana Carolina, Irene Porto, Julia Cajé e Rafaella Guadagnin. Agradeço aos professores incríveis que me ajudaram ao longo desses anos: Diva, Akihito, Rosa Marly, Rosa Basin, Antônia, Nat, Naccarato, Gabriel, Bruna Luz, Bárbara, Claudia, Cris, Vick, João, Paulo...E claro, minha orientadora, Ana Paula!

Um agradecimento gigantesco aos amigos que me apoiam independente do tempo, distância, curso ou tribo: Carol, minha sócia do coração, vida e *business*. Dudu, Lice, Taísa e Leleco, meus amigos incríveis que me acompanham desde RI. Patrick, Gabi, Shaggy, Ju, Nath e todos os outros que tanto me alegram e dão suporte diariamente na firma incrível que fazemos parte. Bia e Juju, minhas primas sem juízo. Thaís, Ju e Sil, meu grupo de mulheres fortes que vão dominar o mundo. Para finalizar: todas as pessoas maravilhosas que cruzam comigo as 6 horas da manhã para jogar futevôlei, rir e mandar os estresses do dia a dia para longe.

“Uma coisa interessante do mundo da moda é o elemento surpresa: As pessoas não sabem o que querem. Elas apenas sabem quando a veem.”

(Marc Jacobs, Revista L’official, 2020)

Resumo

O desprendimento do senso estético comum é colocado em prática ao unir luminárias de origami com o mundo da moda, especialmente quando esse trabalho analisa a história das dobraduras e suas aplicações dentro do universo *fashion*, desde designers internacionais inspirados pela cultura japonesa, até brasileiros como Jum Nakao. O designer responsável pelo desfile de papel vergê, serve de instrumento de inspiração para esse estudo, na busca pela aplicação de uma estética milenar dentro de uma coleção de moda conceitual, nesse caso, inspirada nas silhuetas das luminárias de origami da empresa familiar Vagalume Soluções Iluminadas. Para solucionar essa questão, ocorre uma análise da história do origami, suas aplicações tanto no mundo da natureza, quanto por artistas contemporâneos, até chegar no processo criativo autoral: a elaboração da coleção YIN YANG.

Palavras-chave: Design de Moda. Origami. Luminárias. Papel. Processo Criativo.

Abstract

The aesthetic common sense detachment is put into practice when combine origami lamps to the fashion world and clothing, especially when this study analyses the history of origami and its appliance inside the fashion environment, from international designers who took inspiration into the Japanese culture, to the brazilian ones, such as Jum Nakao. The designer responsible for the fashion show made of parchment paper serves as an instrument of inspiration for this case, in search for the application of an ancient aesthetic within a conceptual fashion collection, in this case, inspired by the silhouettes of Vagalumes Soluções Iluminadas's origami lamps. In order to solve that question, there is an analysis of the history of origami, its applications as inspired by nature or used by contemporary artists, until reaching the authorial creative process: the creation of the YIN YANG collection.

Key-words: Fashion Design. Origami. Lamps. Paper. Creative Process

Sumário

Introdução	11
1. O Origami	13
1.1 Origem e significado.....	13
1.2 Influência na estética contemporânea.....	15
1.3 O origami e as percepções da natureza.....	18
2. Origamis em coleções pelo mundo.....	21
2.1 Designers e materiais.....	21
3. Jum Nakao: A Costura do Invisível	27
3.1 O estilista.....	27
3.2 O desfile.....	29
4. Processo Criativo	32
4.1 Pesquisa de Tendências.....	32
4.2 Estudo de Dobras.....	34
4.3 Painéis de Inspiração e Esboço.....	36
5. A coleção.....	46
5.1 Briefing.....	46
5.2 Release.....	47
5.3 Mix de Produtos.....	48
5.4 Ficha de Desenvolvimento.....	50
5.6 Protótipo.....	60
5.7 Ficha Técnica.....	63
6. Editorial	64
7. Considerações Finais.....	73
Referências	75

Introdução

Os motivos que levaram à escolha do papel como enfoque do trabalho, a influência da minha mãe na escolha e no encantamento pelo mundo das dobras, o pedido da moda por mudanças e novos materiais, a procura por formas diferenciadas de ver esse universo para que se entenda que o âmbito da moda abrange possibilidades para além do tecido.

A arte milenar das dobraduras de papel já é mais do que conhecida pelos quatro cantos. Ela já esteve presente em forma de exposições de arte, protestos, decorações, cerimônias religiosas e, é claro, na moda. Pessoas ao redor do globo se inspiram nessa prática direta ou indiretamente e, as dobras de papel, não cansam de apresentar possibilidades infinitas de coloca-las em prática.

Não há dúvida de que o meio da moda é diretamente ligado aos materiais têxteis. Tanto tecidos quanto não tecidos dominam as fábricas e são consumidos diariamente pela maior parte da população do planeta, afinal, com exceção talvez de algumas tribos, a vestimenta é algo básico e, na maior parte do mundo, obrigatória.

No entanto, apesar de perceber a moda sendo encarada por muitos como uma frivolidade e, o vestir-se como algo cotidiano e banal, acredito que ela seja, na verdade, uma forma de expressão. A forma que você escolhe se vestir serve como um cartão de visita para aqueles que o recebem, seja em um evento, entrevista de emprego ou um dia a dia de trabalho, afinal, caso eu decida aparecer em um casamento usando um biquíni, não só ficarei deslocada, como vista de forma inapropriada para o momento.

Isto posto, a moda é instrumento de expressão, assim como a arte. Ambas conversam o tempo todo, por exemplo, quando um quadro inspira um

designer de moda, ou uma vestimenta inspira um artista, sendo uma também parte da outra e, gerando a possibilidade de ousar, testar, criar e recriar infinitamente. Dentro desses testes, observei que o mundo *fashion* se aventurou diversas vezes em criações com matérias primas fora do que seria considerado sua zona de conforto, à exemplo do papel.

O objetivo deste trabalho então, se debruça na curiosidade de juntar objetos tão presentes no cotidiano e na arte do fazer, como a moda e o origami. Não de uma forma banal (se é que isto é possível dentro de um trabalho final), mas de uma maneira que seja possível aprender cada vez mais sobre esses dois universos. Dentro do contexto pandêmico de falta de tempo ou recursos para testes de alternativas mais sustentáveis, a solução encontrada seria focada em reaproveitar luminárias já usadas anteriormente para criar o protótipo da coleção YIN YANG.

Todo esse processo será feito estudando marcas que já usaram dessa arte milenar como inspiração em diferentes partes do mundo, desde o ousado desfile de Jum Nakao até as criações de Issey Miyake. Além disso, será feita uma pesquisa de silhuetas e formas para além dos livros, como a experiência no universo da marca Vagalume Soluções Iluminadas, empresa familiar, que encanta os olhos e decora os interiores dos que a conhecem.

Como citado anteriormente, a elaboração do trabalho dentro do cenário de pandemia gera um novo rumo para sua finalização. Basear a coleção YIN YANG nas silhuetas das luminárias da marca Vagalume traz a possibilidade de experimentar suas formas para além do 2D e testar na prática toda a desenvoltura que um material tridimensional pode oferecer. A partir desse momento, o papel passa a ser o material principal da coleção e, agora, o problema gira em torno da aplicação do mesmo dentro do universo do vestuário, mesmo que de forma conceitual.

1. O Origami

1.1 Origem e Significado

Estudar origami é viajar até os séculos V e VI, lá no Japão e entender a junção que origina a palavra: “dobrar” (*ori*) e “papel” (*gami*). No entanto, de acordo com MCARTHUR e J. LANG, não se sabe ao certo onde essa prática surgiu: há quem diga que tudo começou na China, devido à tradição milenar chamada *zhezhi*, baseada em dobrar papéis em forma de objetos como barcos, chapéus e pratos e queimá-los como oferendas durante os funerais.

Diferentemente do *Kirigami*, que forma figuras através de recortes e colagens, no origami não se machuca o material, pois existe a intenção de honrar o espírito das árvores que dão vida ao papel, desde os primórdios (AIDAR, 2020). Isso ocorre porque as primeiras dobraduras japonesas também eram usadas somente em cerimônias festivas religiosas, o que fazia Estado e religião andarem lado a lado com essa arte.

Ao se afastar um pouco do âmbito religioso, o livro *Folding Paper* ensina que a arte das dobras de papel também era usada em outros momentos, como forma de embrulhar presentes (*tsutsumi-no ki* e futuramente *noshi*) e também como bolsas, uma das práticas mais antigas de dobraduras do Japão, utilizada por homens durante o período Heian. Essas bolsas de papel serviam para carregar mais papéis: ou para escrever cartas, ou para assoar o nariz.

Dentro ou fora de algum ato reverencioso, as dobraduras também servem como símbolos de esperança, que é o caso dos *tsurus*, origami o qual carrega a lenda que afirma: caso você venha a fazer 1000 *tsurus*, ganha o direito a um desejo. De acordo com o livro *Folding Paper*, essa história surgiu através de uma sobrevivente da bomba nuclear de Hiroshima, Sadako Sasaki,

que posteriormente foi diagnosticada com leucemia, aos seus 12 anos de idade.



Imagem 1: Tsurus.

Fonte: Wikipédia (2021)

Segundo MCARTHUR e J. LANG, Sadako teve contato com a crença milenar das 1000 dobraduras e começou a colocá-la em prática, em busca de seu desejo pela vida. Alguns acreditam que ela tenha falecido antes de alcançar a marca de 1000 pássaros, já outros afirmam que ela não só terminou, como continuou dobrando o maior número possível com qualquer papel que aparecia à sua frente. A questão é que a menina virou um símbolo de esperança e chegou a ganhar uma estátua em sua homenagem.



Imagem 2 – Estátua de Sadako Sasaki em dois ângulos

Fonte: Japão em Foco (2011)

Essa mesma estátua, tornou-se uma representação de harmonia, vida e prosperidade, rodeado de *tsurus* feitos por crianças japonesas como forma de busca pela paz, atribuída pela lembrança dos malefícios da guerra. Depois disso, a dobradura que tanto nos remete a figura de uma garça, foi adotada pelo mundo como uma forma de simbolizar a paz e a cura.

1.2 Influência na Estética Contemporânea

Apesar do papel ter sido inventado na China, após um período de mil anos, ele chega à Europa através dos mouros, que o levaram para Espanha (MCARTHUR e J. LANG, 2013). Aqui, a história se repete e as dobraduras começam a ser usadas, inicialmente, em cerimônias religiosas. Chegando no século XIX, o alemão criador do jardim de infância, Friedrich Frobel, estabeleceu a arte de dobraduras de papel como parte do currículo infantil, pois acreditava que a prática desenvolvia as habilidades motoras das crianças.

No final do mesmo século, o Japão via seu regime militar enfraquecido e decide abrir o território para influências ocidentais. Essas, incluíam o sistema educacional alemão e estabelecem os primeiros jardins de infância, que incluíam a dobradura de papel de Froebel. As dobras, que ainda não se chamavam origami no Japão até esse momento, acabam mesclando as tradições dos professores japoneses com as influências das práticas europeias e, então, temos o nome origami realmente ganhando força. (MCARTHUR e J. LANG, 2013)

Antes de ser visto como uma prática admirada, o origami era visto como brincadeira de criança, ou algo usado para encantar esse público infantil. Segundo o livro *Folding Paper*, foi somente no século XX que ele passou a ser considerado um tipo de arte, quando surgiu o primeiro artista de origami, Akira Yoshizawa, um filho de fazendeiro sem muitas condições financeiras, mas muito talento.

Yoshizawa escreveu mais de 18 livros e criou aproximadamente 50.000 modelos de dobraduras. Sua importância era tamanha, que foi embaixador cultural do Japão e chegou a ser condecorado com a Ordem do Sol Nascente, uma das maiores honras que um cidadão japonês poderia receber, voltada para aqueles que prestaram longos e admiráveis serviços ao país. (HYPE SCIENCE, 2012)



Imagem 3: Akira Yoshikawa.

Fonte: site HypeScience (2012)

Depois de Akira, diversos outros praticantes dessa arte surgiram ao redor do mundo e, com isso, novos métodos de desempenhá-la. Houveram aqueles que molhavam o papel, outros que se baseavam em cálculos matemáticos ou somente na própria imaginação, também tiveram aqueles que cortavam e colavam (fator que era criticado por parte dos artistas e aceito por outros), criando encaixes dos mais diversos e figuras inovadoras. Com isso, os artistas de origami passaram a ser divididos em 3 grupos: o primeiro, que se baseava em dobraduras complexas e elaboradas; o segundo, que buscava representar uma ideia de naturalismo e elementos da natureza; o terceiro, que trabalhava com formas mais estilizadas e, por diversas vezes, abstratas.

Dentre as características mais instigantes dos criadores de origami, temos aqueles que trabalham com truques que enganam o espectador, como é o caso de Herman van Goubergen que, apesar de trabalhar com representações do segundo grupo (entusiasmados pela natureza), brinca com aquilo que será captado pelo olhar em cada ângulo, às vezes enganando

através da perspectiva que você encara a obra, outras vezes fazendo uso de objetos como espelhos para complementar a visão. Observar suas exposições é como embarcar em uma viagem.

Há também aqueles que apreciam causar um impacto com suas criações, como é o caso de Miri Golan e Sipho Mabona, que exploram a arte como forma de protesto. Mabona já fez duras (e belíssimas) críticas a problemas como aquecimento global e capitalismo, trazendo reflexões sobre o consumo desenfreado que vivenciamos todos os dias. Vale lembrar que a crítica ao consumo é extremamente presente no mundo da arte, inclusive dentro da moda, como ocorreu no desfile de Jum Nakao em 2004 onde o designer expressou sua opinião através de delicadas roupas de papel, com práticas muito semelhantes ao origami.

De volta ao primeiro grupo, o qual prefere trabalhar com dobraduras complexas e calculadas, encontram-se não somente mentes brilhantes, como também criações de tirar o fôlego. *Phds* graduados pelo MIT (*Instituto de Tecnologia de Massachusetts*) são exemplos de executores dessa classe, que exploram cálculos matemáticos, estruturas geométricas e modelos esteticamente agradáveis ao olhar para alcançar formas abstratas e desafiadoras.



Imagem 4: Star Ball by Jeannine Mosely.

Fonte: plataforma de fotos Flickr (2011)

Jeannine Mosely é um dos nomes de destaque dessa área: a Phd em engenharia elétrica e ciência da computação acredita que as estruturas que compõem o origami, desvendam os teoremas matemáticos dando vida aos mesmos. Em poucos minutos de pesquisa sobre a doutora, é possível mergulhar em um universo único e complexo de dobraduras que não desapontam quando o quesito é encantar o olhar ou intrigar a mente.

1.3 O origami e as percepções da natureza

Apesar das inúmeras adaptações do mundo das dobras para a estética contemporânea, o berço do origami segue sendo os elementos da natureza. Como narra Jamie Effros no documentário Origami Code:

A própria natureza é uma dobradura incessante. Padrões de Origami podem ser encontrados em todos os lugares, inclusive na superfície

do cérebro humano. Mesmo as proteínas dentro de nossas células devem ser dobradas corretamente para funcionar. (EFFROS, 2017).

Não é à toa origamistas pelo mundo enxergam dobraduras em tudo, como é o caso de Lakshminarayanan Mahadevan, conhecido como L. Mahadevan, matemático e cientista da Universidade de Harvard, que observa a semelhança entre as folhas da árvore de faia e a clássica malha de dobras *miura-ori*, supostamente usada pela planta para poupar energia. Outro exemplo seria do besouro de chifre tailandês, que possui dobraduras em suas asas para o permitir que as mesmas se desenrolem ao querer voar e se enrolem ao recolhê-las.

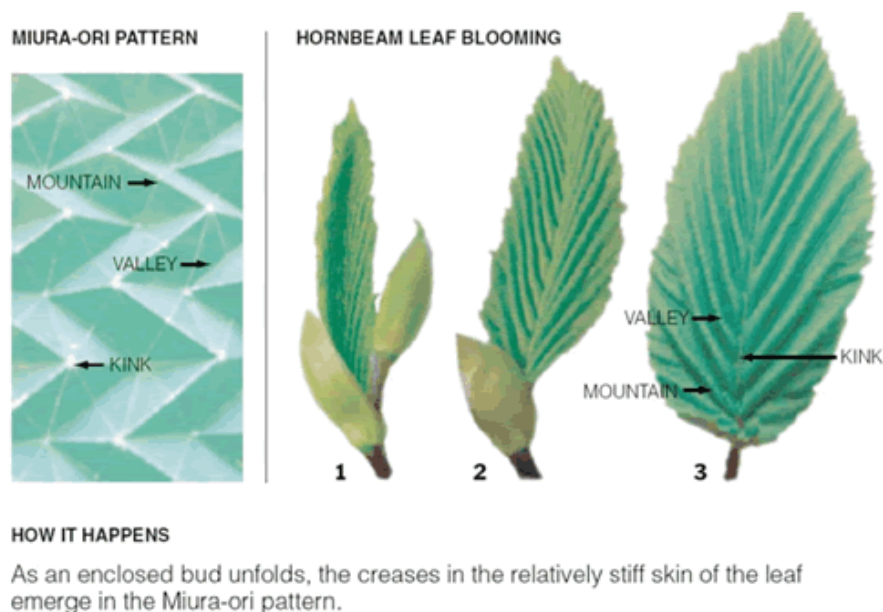


Imagem 5 – Comparação entre o padrão da dobradura *miura-ori* e as folhas de faia.

Fonte: Site Ciência Viva (2017)

Dentre os origamis mais tradicionais temos o *tsuru*, já citado anteriormente, sendo a representação de um pássaro carregando a simbologia de sorte, esperança, longevidade e saúde. Também vale citar o sapo, usado diversas vezes como amuleto, simbolizando positividade e melhora. Além da

representação de animais, as flores também são clássicas entre as dobraduras, como é o caso da flor de íris, que carrega o símbolo de saúde e sabedoria.



Imagem 6 – dobradura de flor de íris.

Fonte: site Toda matéria (2020)

Tendo em vista a arte dos origamis, é possível perceber as teorias matemáticas presentes em cada dobra, como afirmaram Enio Yoshinori e Silvia Nishida da UNESP: “Os origamistas geométricos descobriram que no ato de dobrar o papel, além da atividade artesanal, criativa e artística, está ocorrendo um fenômeno de precisão matemática.”

O mais fascinante aqui, ao meu ver, é a possibilidade de unir uma área tão livre como a arte e criação com a ideia da imutabilidade e regras do mundo matemático, já que quando fazemos origamis, obedecemos a princípios temáticos formados por 7 axiomas (YOSHINORI e NISHIDA, 201-?). É como criar a partir de regras, é liberdade através de dobras.

2. Origami em Coleções Pelo Mundo

Não é de hoje que estilistas colhem inspirações pelo mundo das dobras e, nesse capítulo, exploro alguns artistas que se aventuram nessa vertente dentro do mundo da moda, como Diana Gamboa (1977-....), Issey Miyake (1938-....) e marcas como Prada e Dior. Dentro das pesquisas, são feitas análises em que momentos e quais materiais são usados para suas criações.

2.1 Designers e materiais

O processo de criar uma coleção não é nada fácil: decidir a fonte de inspiração, pesquisá-la até conhecê-la à fundo, se encantar com os segredos, novidades e dificuldades para além do tema, estudar as cores, silhuetas e apostas viáveis para a sua marca, sempre caminhando sob a linha bamba e tênue entre o comercial e o criativo.

Não à toa tantos *designers* se encantaram pelo mundo das dobraduras e as trouxeram para suas criações, seja usando diferentes tipos de papel, pequenas inspirações de silhuetas ou materiais já conhecidos dentro das passarelas. Nomes como Prada e Dior já usaram dessa prática, além de criadores referência na arte, como Diana Gamboa e Issey Miyake.



Imagem 7 – Design de Diana Gamboa.

Fonte: Sindicato da Indústria (2017)

Gamboa tornou-se uma das mais importantes origamistas, devido a influência de seu pai: desde pequena ele a ensinou artes como origami, macramê e argila, enquanto a mãe a mostrou como trabalhar com porcelanas (GENTE AMARILO, 2017). Não é uma surpresa que Diana tenha seguido para o mundo da criação e, a artista que encanta seu país, elaborou uma coleção impecável e cheia de detalhes, que chamou a atenção de muitos e a levou para lugares como a Feira *Dwell* em Los Angeles, o *Carrousel du Louvre*, galeria do subsolo do museu parisiense, durante a semana de moda e, até mesmo à Toquio!

John Galiano (1960-...), o primeiro britânico a assumir o controle criativo de uma Maison francesa, em 97 é chamado para assumir a Dior, que não estava em seu melhor momento. Durante esse período na marca, Galiano foi ao Japão para pesquisar sobre o país e a arte do origami durante sua coleção (Imagem 8) de *S/S (spring/summer* ou primavera/verão) 2007, fazendo roupas

com uma pegada bem conceitual, adicionando uma espécie de performance e inovando na alta costura.



Imagem 8 – Coleção S/S 2007 da Dior com direção criativa de John Galliano.

Fonte: Painel desenvolvido pela autora (2021)

Apesar da influência da cultura japonesa na sua coleção, o designer britânico não é tão literal quando Gamboa ao elaborar suas criações. Primeiramente, ele não usa papel e sim tecidos que lembram os quimonos japoneses, com um toque leve de brilho que remetem um cetim mais armado. Uma outra opção tomada pelo designer é o uso tule, para estudar volumes e camadas e desenvolver novos objetos. Galliano desenvolve detalhes dos origamis, ora como um adorno, ora como a textura que lembra uma dobradura.

A Prada também é conhecida por trazer o conceito em sua coleção *ready to wear* de S/S 2013 (Imagem 9). O origami nesse desfile chega a ser um

tanto questionável já que, na verdade, a designer Miuccia Prada (1949-...) optou basicamente por trazer roupas com detalhes de flores numa estética japonesa. A presença do origami aqui é quase imperceptível, tendo momentos de “fazer lembrar” com alguns recortes. Apesar disso, a coleção mostra uma interpretação diferenciada e menos óbvia da cultura oriental e dos origamis em si, que não necessariamente precisam estar 100% representados e, também podem estar influenciando uma coleção mais comercial.



Imagem 9 – Coleção da Prada S/S 2013.

Fonte: Painel desenvolvido pela autora (2021)

Issey Miyake é um nome que merece destaque nesse momento. O Japonês nascido em Hiroshima é um nome conhecido moda e uma das notáveis influências japonesas dentro do meio. Agora, o ponto de sua aparição neste capítulo é sua coleção 132 5 (Imagem 10), elaborada no laboratório criado pelo mesmo: o Reality Lab. (FASHION NETWORK, 2020)

O nome da coleção passa longe de ser aleatório, onde cada número representa algo: 1 remete ao uso de uma única peça de tecido, 3 faz referência

ao 3D, 2 significa a forma bidimensional da dobra do tecido e o 5 é usado para simbolizar o desejo de descobrir e criar com novas dimensões.



Imagem 10 – criações de Issey Miyake.

Fonte: Stylo Urbano (2018)

Todas as peças foram montadas a partir de uma folha de papel plana em um programa 3D (Imagem 11), que passou a malha para um poliéster reciclado e deu origem às roupas geométricas, fiéis aos cálculos matemáticos e à precisão da arte japonesa. Issey é um exemplo puro de designer que une a tecnologia com a criação, além do conceito da sustentabilidade. (STYLO URBANO, 2018).



Imagem 11 – Planificação do tecido no software.

Fonte: Stylo Urbano (2018)

Vale ressaltar que as infinitas possibilidades de aplicação do origami em uma coleção encontram-se desde referências mais sutis, como foi o caso da Prada, passando pela precisão matemática e criação livre até uma aplicação explícita da arte. A partir desse levantamento de referências, desenvolvi testes em papel com uma nova visão de aplicação do material em criações para a coleção YIN YANG.

3. Jum Nakao: A costura do Invisível

O desfile do artista, que aconteceu em 2004 e virou referência no mundo da moda ao desafiar a ideia de roupa e seus materiais na delicadeza de suas criações, feitas em papel na minuciosidade dos detalhes e rasgada em plena passarela.

3.1 O estilista

Jum Nakao (imagem 12), *designer* brasileiro conhecido mundialmente por seu polêmico e marcante desfile “A Costura do Invisível”, nasceu na cidade de São Paulo, onde reside até hoje. Com 54 anos e ascendência japonesa por parte dos avós, o criador também é estilista e diretor de criação de sua marca, que carrega seu nome.



Imagem 12 - Jum Nakao.

Fonte: Site Jum Nakao (2020)

De acordo com o site do designer, apesar de ter se aventurado na eletrônica e computação, Nakao não concluiu sua graduação por considerá-la distante do olhar humano e optou por cursos livres voltados para o mundo da moda no Centro Industrial Têxtil (CIT). Sua entrada para o meio *fashion*

começa na década de 90, quando entrou na Carmim, marca criada em 1982, que resiste até os dias de hoje.

O paulista só deixa seu primeiro trabalho quando surge a oportunidade de mostrar seu talento na 6ª edição do *Phytoervas Fashion*, evento que representava a primeira semana de moda do Brasil. O espetáculo, que focava em lançar novos estilistas brasileiros para o mundo, cumpriu o seu propósito e foi o palco de estreia para nomes como Alexandre Herchcovitch (1971-....), Ronaldo Fraga (1967-....), Walter Rodrigues (1969-....) e o próprio Jum Nakao. A importância do desfile era tanta, que ele também foi responsável pela melhor desenvoltura na carreira das modelos brasileiras Gisele Bündchen e Isabeli Fontana.

Com a visibilidade recebida ao ser considerado a grande revelação daquela edição do evento, Jum Nakao começa a trabalhar como diretor de estilo na Zoomp, marca comprada em 2016 por Alberto Hiar, dono da marca Cavaleira, na tentativa de resgatar a força que um dia a loja possuiu. Apesar do sucesso da Zoomp, onde permaneceu por 6 anos, o estilista só ganhou destaque mundial em 2004, quando o Banco do Brasil, em uma iniciativa de aproximação com os meios artísticos, convida Nakao como designer de conceito e figurinos do projeto.

Nesse ano, inicia como diretor criativo da VIVAVIDA e também assina uma linha premium com a Nike: *JUM NAKAO for Nike*, marcando pela primeira vez na história a junção da marca esportiva com um designer para uma linha desse tipo. Com o ateliê já fundado desde 1997, é só em 2004 que começa a atuar como uma marca mais completa, criando espetáculos, figurinos, direção de arte, instalações, exposições, entre outros.

No São Paulo Fashion Week deste ano, optou por criar seus *designs* em papel vergê, uma espécie de papel vegetal, em várias gramaturas,

representando roupas volumosas, delicadas e trabalhadas minuciosamente com o objetivo que, até então, parecia ser de encantar seu público. No entanto, ao final do espetáculo, a intensidade da música muda e as modelos logo começam a rasgar as peças. Foi a partir desse momento que Jum passou a ganhar mais destaque que nunca, fazendo de seu desfile um livro e também um documentário: *A Costura do Invisível*.

3.2 O desfile

No ano de 2004, ganhava vida o polêmico desfile em papel vergê, de Jum Nakao, na São Paulo *Fashion Week* (Imagem 13). Nessa época, era possível observar uma certa banalização dos eventos de moda, repetição de tendências e as cópias. Além disso, o crescimento dos *fast fashion* também remetiam à essa produção desenfreada de objetos idênticos: não havia um impacto nas criações. Inclusive, foi influenciado por esses fatores que Nakao optou pela estilização das modelos como brinquedos *Playmobil*, unindo a ideia da automatização que era vivenciada naquele momento, ao clássico encontrado nas silhuetas das roupas, apresentadas com muitos volumes e uma estética voltada para o século XIX. (IBAHIA, 2011)



Imagem 13 - Roupas desfiladas na passarela de Jum Nakao em 2004.

Fonte: Site Jum Nakao (2020)

O estilista escolheu o papel como matéria prima, pois afirmava que aquele era o local do esboço, onde o processo criativo começava a tomar vida e, ao mesmo tempo, era uma matéria extremamente sensível às ações do tempo (NAKAO, 2004). A escolha ousada não foi nada fácil, precisando exportar aproximadamente meia tonelada do material, além das infinitas horas que a minuciosidade do trabalho requer (mais de 700!).

A crença de que o objetivo final de um desfile de moda seria a venda é quebrada quando Jum Nakao justifica que o seu era transformar o mundo e surpreender aqueles que assistem (IBAHIA, 2011). Não há dúvidas que o estilista cumpriu o seu propósito, deixando mais de 1.200 pessoas

embasbacadas, incluindo as próprias modelos, que só souberam do objetivo do artista minutos antes de entrarem na passarela.

O trabalho gerado anteriormente ao desfile incluiu a necessidade de derrubar paredes para que um modelo pudesse ir para o atelier, além do transporte, em caminhões, pois a delicadeza das peças era tamanha, que qualquer mínimo problema seria capaz de arruinar todo o show. O interessante desse esforço, é o cuidado tido por toda equipe para manter as criações intactas, com objetivo de chegar ao palco e rasgá-las ao final, simplesmente porque a finalidade real não era o encantamento ou a venda, mas sim, o impacto. Segundo o site Ibahia, a comoção foi tamanha, que é possível acompanhar nos vídeos o espanto dos espectadores. O curioso é que o site conta que o nome que é carregado pelo projeto surgiu com a ajuda de uma faxineira, que assistiu ao desfile dos telões e disse "Você quis dizer que o que importa não é o que as pessoas vestem, mas o que está por dentro, o invisível".

O desfile de Nakao não apresentava roupas que poderiam ser usadas, não possuía fins lucrativos voltado para as vendas dos modelos e, também não buscava agradar olhares e críticos da área. Era uma crítica crua, que buscava chocar os olhares observadores através de um cenário, que incluía o som, a expressão das modelos e o rasgar das roupas. Um ato não verbalizado, mas muito bem expresso.

4. Processo Criativo

Pelo fato de ser uma coleção conceitual, o enfoque aqui foi fazer pesquisas dentro das silhuetas de luminárias da Vagalume Soluções Iluminadas. A experimentação foi feita de diversas formas, desde análise de tendências, passando por estudo de formas em papel vegetal, até a investigação de testes direto no papel, saindo do 2D para o 3D.

4.1 Pesquisa de Tendências

A pesquisa de tendência foi separada em dois momentos: o primeiro fazendo um levantamento sobre o que está em alta nas passarelas mais comerciais e, o segundo, fazendo um diagnóstico de inspirações em marcas mais conceituais, entendendo as tendências que influenciam a arte e as empresas no momento.



Imagem 14 – Tendências S/S 22 mais observadas

Fonte: Painel autoral desenvolvido pela autora a partir de pesquisa na plataforma WGSN (2021)

A partir da reunião de tendências dentro das semanas de moda de S/S 22 e que se repetem independentemente do lugar (Milão, NY, Copenhagen, Paris...), é possível observar o apelo pelo movimento, seja nas fotos, escapando das apresentações estáticas e posadas, ou na presença de tecidos fluidos e leves. Além disso, esses tecidos mais leves (com a forte presença do cetim), também trazem detalhes drapeados e volumosos.

Dentro desses desfiles, há a revisitação dos anos 2000 com a volta das calças cargo e cintura baixa, além da retomada dos brilhos e novos recortes inusitados, como uma celebração do esperado fim da pandemia do Covid-19. Dentro do universo da sustentabilidade e *handmade*, o *patchwork* segue ganhando forças, sendo feito de forma literal a partir de retalhos ou fazendo uso de padronagens que remetam a elas. A busca pela valorização de pessoas reais dentro do mundo da moda também teve seu destaque, trazendo para as passarelas portadores de deficiência, *plus size* e terceira idade mesclados com supermodelos como Gigi Hadid e Kendall Jenner. A esperança que fica é que essa prática também seja levada para dentro do mercado, expandindo a grade de tamanhos e a acessibilidade, afinal, há de se convir que existe uma contradição no que se refere ao desfile inclusivo enquanto a empresa segue com as mesmas práticas no que diz respeito às ações e grades da mesma.

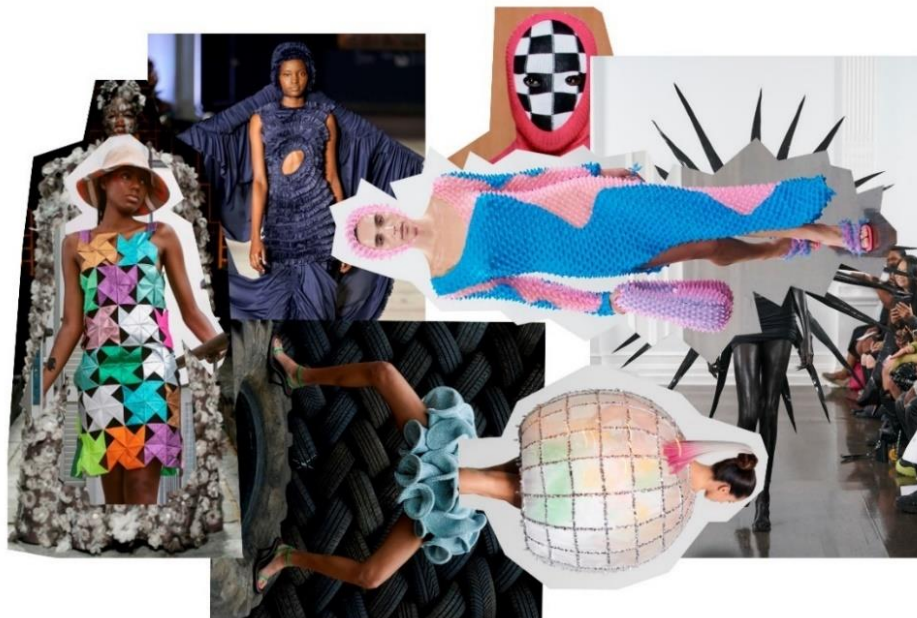


Imagem 15 – Tendências S/S 22 mais excêntricas.

Fonte: Painel autoral desenvolvido pela autora, a partir de imagens e pesquisa na plataforma WGSN (2021)

No universo das passarelas com características mais excêntricas, esse é o momento onde a estética do *couture* ganha força – e voz para o famoso “mais é mais”. Aqui é a vez do conceito ganhar asas e o exagero tomar as rédeas do *show*. Nesse lugar as tendências anteriores ainda são percebidas, só interpretadas de maneiras diferentes: ainda temos os recortes inusitados, os *patchworks*, volumes, texturas e movimentos, mas todos com as características e a bossa que cada marca carrega.

Dentro das duas categorias escolhidas para o enfoque das pesquisas de tendência, foram usados os volumes, texturas, a inspiração do patchwork no quesito da reutilização de materiais e a estética de colagem na dualidade das

cores. Além disso, não se pode deixar de citar o exagero que existe dentro da ideia conceitual da coleção.

4.2 Estudo de dobras

Ao observar o processo de trazer à vida uma luminária de origami, entende-se que antes da dobra em si, é preciso fazer com que exista uma espécie de “malha” para guiar onde as dobras devem ser feitas. Por possuir acesso privilegiado de poder acompanhar esse processo de perto, foi possível trocar com as *designers* da Vagalume um pouco sobre como os origamis se comportam e quais malhas elas já possuíam para criar suas luminárias.

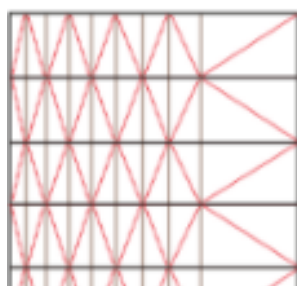


Imagem 16 – Exemplo amostra de malha de uma luminária da Vagalume Soluções

Fonte: Vagalume Soluções Iluminadas (2021)

Dentro do contexto de pandemia, os testes dão início através de luminárias antigas e malhas usadas ou com defeitos, pois os materiais alternativos como tecidos entretelados demandariam tempo e menor liberdade para experimentações em dobras que não há tanta familiaridade. Com isso, foram selecionadas 6 malhas como pontapé inspiracional, sendo elas as bases das luminárias Evoá, Dusol, Sol, Horus, Maré e Gota.



Imagem 16 – Luminárias Evoá, Dusol, Sol, Horus, Maré e Gota respectivamente.

Fonte: Site Vagalume Soluções Iluminadas (2021)

O objetivo aqui é se aventurar entre as silhuetas de cada luminária, usando as malhas antigas e moldes que antes seriam descartados para elaborar 10 *looks* e finalizar com um deles sendo posto à prova de experimentação e vestibilidade. Os métodos usados para estudar essas silhuetas são: a técnica de papel vegetal, usando-o por cima da forma de dobraduras e moldes, testando angulações e novas maneiras de enxergar o objeto em cima de um *croqui*; simulações pelo *photoshop*, trazendo a luminária e experimentando tamanhos, trabalhando recortes, colagens e testes de possíveis cores; desenho livre à mão, como esboço autoral ainda sem entender como o papel se adaptaria ao corpo e, por fim, o teste com as sobras e possíveis descartes, permitindo experimentações paupáveis e maior visualização.

4.3 Painéis de inspiração e esboços

O processo inicial teve base na técnica do papel vegetal, método conhecido desde os primeiros períodos com a professora Rosanna Naccarato, na disciplina de Projeto e Varejo (3º período, 2019), enquanto era desenvolvida uma coleção autoral inspirada em Dorival Caymmi para aproveitar as silhuetas dos objetos. Aqui o foco é reunir trabalhos de artistas que usam das técnicas do origami, como Diana Gamboa e Issey Miyake, citados no capítulo 2, e usá-los como inspiração para elaborar uma prancha de observação, de forma livre, orgânica, com anotações e esboços próprios, como nas imagens abaixo:



Imagem 17 – Painel de estudos de silhuetas e esboços.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

O primeiro painel (imagem 17) é separado por luminárias que possuem estruturas e dobras parecidas, trazendo uma sensação de descida em sua forma. Já o segundo reúne as criações de Miyake e Gamboa, com o objetivo de entender as similaridades com roupas usuais e os pontos mais usados por eles, afinal, são artistas que já dominam a arte da implementação das dobras

no vestuário. Os detalhes que mais me chamaram atenção foram pontuados com anotações e esboços com a técnica do papel vegetal, entendendo a liberdade desse momento dentro dos limites da observação e estudo. Com isso, houve um entendimento mais claro daquilo que agradava e o que não trazia encanto.





Imagens 18, 19 e 20 – Painéis de estudos de silhuetas e esboços em papel vegetal.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Após os estudos a partir dos painéis, faz-se uso das inspirações para iniciar testes em uma ferramenta mais familiar: o *photoshop*. O início se resume a desenhar um croqui base simples, para que o foco fosse na singularidade da roupa, além do equilíbrio visual, já que o objetivo aqui é testar possibilidades conceituais e experimentar dobraduras, ainda de forma livre.

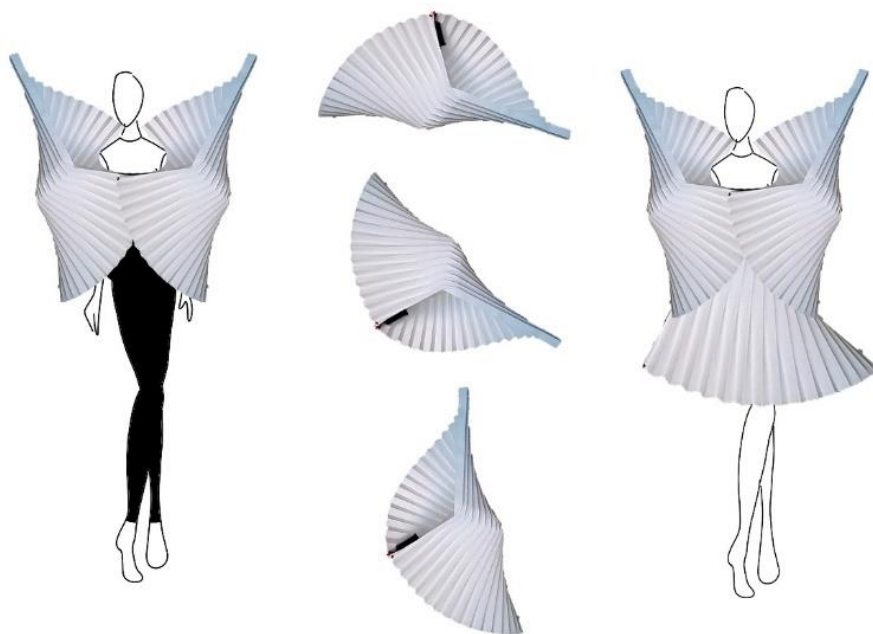


Imagem 21 – Esboço e estudos da coleção.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Apesar de ter sido o método mais usado, todos os outros foram essenciais para o processo criativo. Com o *software*, fez-se possível identificar a linha do trabalho e visualizar melhor a coleção, tanto no sentido do conceito quanto na forma de usar as luminárias como referência. A parte mais proveitosa das experimentações foi a possibilidade de testar os modelos e trazer à vida os sonhos que surgiram há um tempo: “vestir” um trabalho tão minucioso e delicado.







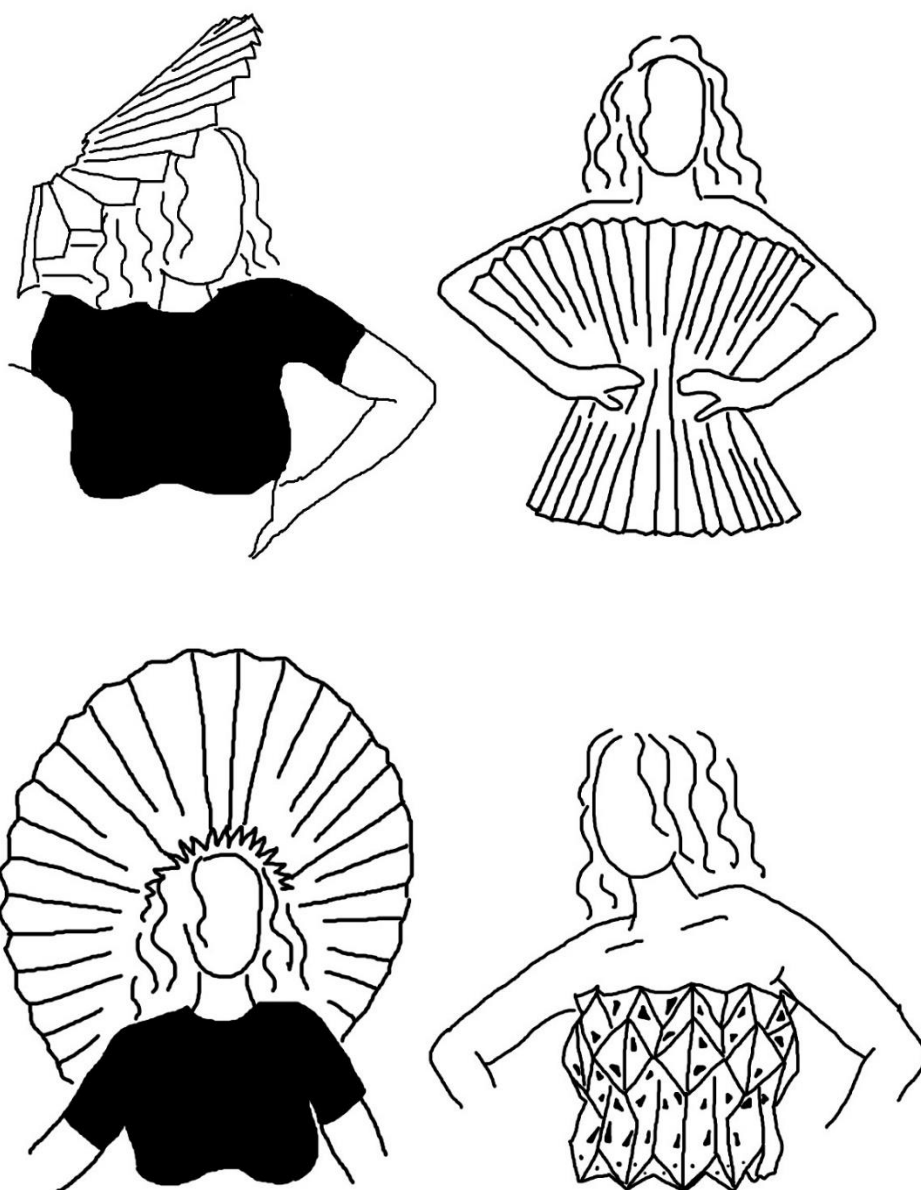
Imagens 22, 23, 24, 25 e 26 – Painéis de esboços para a coleção feitos através do *Photoshop*.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Os painéis no *software* foram elaborados extraindo o fundo das imagens das luminárias do site da marca e depositando-as em cima dos croquis autorais, testando disposições e recortes, além da tentativa de encaixe de braços e suposições de junções. Apesar da familiaridade com o programa, a pesquisa teve enfoque em encontrar um método desafiador que permitisse testar escalas e disposições improváveis dos objetos, no entanto, todos os desenhos foram discutidos com uma das donas da Vagalume, para maior compreensão de vestibilidade dos modelos e possibilidades de ajustes nas dobras.

A investigação diretamente nas luminárias trouxe clareza para a pesquisa, por tornar viável o que antes era testado somente de forma bidimensional. Nela, foi possível perceber a complexidade do trabalho e os desafios que ele traria, já que o conforto e a possibilidade de vestir, que são pontos essenciais dentro da moda, também eram uma grande dificuldade no desenvolvimento. As experimentações foram feitas através de luminárias do estoque da empresa, como bases esquecidas e avariadas, além de malhas abertas para entender de forma mais realista como a dobra se comportaria.





Imagens 27, 28, 29 e 30- Testes físicos e desenhos autorais.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Após documentar todo o processo e registrar com o celular os modelos que agradavam, o caminho escolhido foi contornar as fotos pelo *photoshop*, para que a visualização ficasse o mais clara possível. Com o método de testes

tridimensionais, a coleção começa a tomar forma, tendo em vista a compreensão do comportamento do material, tanto sozinho quanto no corpo, as áreas que precisariam de maior atenção quanto à encaixe e conforto e a aplicação do origami como forma de vestimenta. Os testes também trouxeram o conceito da coleção YIN YANG, que busca a sensação de fluidez através de linhas retas e dobras elaboradas.

5. A coleção

5.1 Briefing

Para iniciar um *briefing*, Peter L. Phillips (2008) afirmava não existir uma única forma de fazê-lo, não há regra universal, pois o mais importante é que ele consiga abranger todas as informações relevantes ao projeto. Isto posto, após pesquisar diversos exemplos da prática, foram reunidos os pontos considerados mais importantes para o projeto: justificativa, objetivo, lista de produtos, público alvo, marca, descrição das fases do projeto e fotos da finalização.

O objetivo foi entregar uma coleção conceitual, feita em papel e que servisse para o apreço do olhar como um objeto de arte. Não se tratava de roupas usáveis no dia a dia ou um trabalho para reprodução, pois o foco principal aqui não era o conforto ou a praticidade, e sim a experimentação artística de transformar dobras de origami em peças que carregam uma pitada de onirismo.

Apesar das roupas terem sido pensadas em cima de um *croqui* feminino, o público alvo não se limitaria a mulheres, afinal, se trata de uma coleção artística e não 100% usável, portanto, qualquer apreciador de moda conceito poderia ser atingido por ela. Desde o início, o desejo era entregar ao menos 10 modelos, não necessariamente 10 *looks* completos, pois através de muita pesquisa de tendência, foi possível perceber uma força nos volumes, explorados aqui com enfoque nas partes de cima, complementando vez ou outra o visual com uma calça legging simples preta em tecido, sem tirar o foco das experimentações nas luminárias de papel.

A coleção YIN YANG foi baseada nas dobras das luminárias da empresa Vagalume Soluções Iluminadas, marca que é acompanhada desde os

primeiros rabiscos de ideias. Após diversas experimentações, o sentimento de urbanismo ficou presente enquanto criava, por isso, a linha de produtos traz o lado conceitual das dobras com uma sensação fluida e urbana, fazendo uso das cores preto e branco sempre em contraste.

5.2 Release



Imagem 31 – Coleção YIN YANG completa.

Fonte: Desenvolvido pela autora (2021)

Ao desenvolver da coleção, como citado anteriormente, existiu uma sensação de urbanismo para além da fluidez das dobras. Através da pesquisa de tendências, foram incorporados às criações as questões do volume por se tratar de grandes dobras, as texturas pela estética das peças e o patchwork com a essência do contraste das luminárias antigas reaproveitadas. Com isso, a junção das cores preto e branco do tradicional símbolo chinês que remete ao equilíbrio e dualidade, com os contrastes da cidade e a linearidade das dobras, nasce a YIN YANG.

A criação é um mix de fluidez e urbanização, onde as dobras trazem um equilíbrio visual pela formação de silhuetas mais retas, que remetem à organicidade e curiosidade para com o resultado. No quesito de modernidade, os modelos que fogem do tradicional de um vestuário apresentam esse escapismo das regras de vestimenta para o dia a dia. Ao visualizar o resultado, a proposta é trazer a sensação de uma viagem guiada, que experimenta com a simplicidade e contraste das cores, além da ousadia das formas provenientes da técnica do origami.

5.3 Mix de Produtos

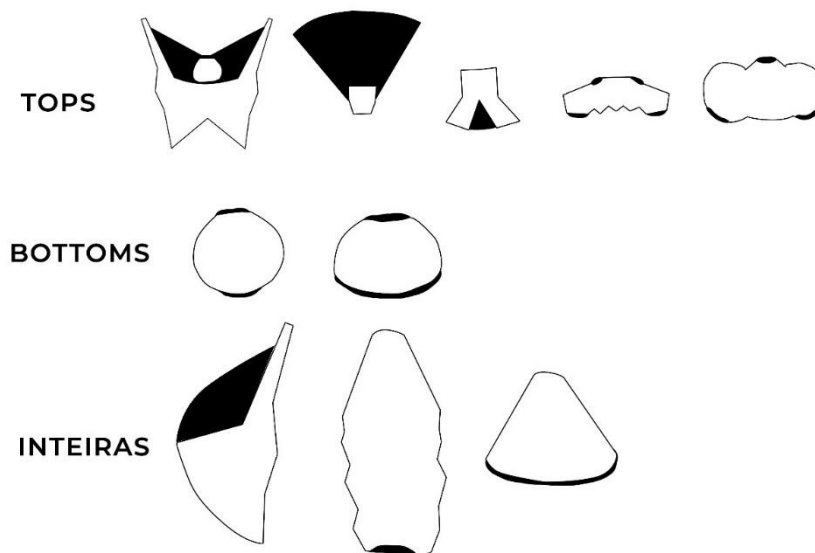


Imagem 32 – Mix de produtos.
Fonte: desenvolvido pela aluna (2021)

O mix de produtos da coleção YIN YANG é composto por 5 partes de cima, 2 partes de baixo e 3 peças inteiras. Ele apresenta mais tops que *looks* inteiros ou conjuntos por buscar mais equilíbrio, encontrado com uma única peça *statement* na composição visual. A proposta seria o uso dessas criações em uma exposição ou até mesmo uma *premiere*, onde as combinações geralmente caminham para um lado mais conceitual. Por se tratar de peças fortes, é compreensível que ocorra o exagero da aplicação dos modelos em um *look*, por isso a escolha do foco na força de uma peça individual que seja acompanhada de um *styling* mais neutro para equilibrar.

5.4 Ficha de Desenvolvimento

Apesar de não ter o compromisso de criar cada ficha, nem o foco para reprodução do trabalho, todas foram feitas (Imagens 32 a 41) a fim de exemplificação da silhueta. Cada uma delas possuem designer, modelo apresentado, coleção, grade de tamanho, cor, marca, material, descrição, desenho, croqui e luminária que baseou a peça. Pela falta do *software Corel Draw* e o fato de não estar tratando diretamente de roupas modeláveis, os desenhos foram feitos através do *Photoshop* para representar a silhueta de uma forma geral.

Ainda que todas as luminárias e, conseqüentemente, as criações surgirem a partir de uma malha específica desenhada digitalmente, as mesmas não estão presentes nesse trabalho por proteção aos modelos originais da empresa Vagalume Soluções Iluminadas.

FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: BLUSA ASA

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

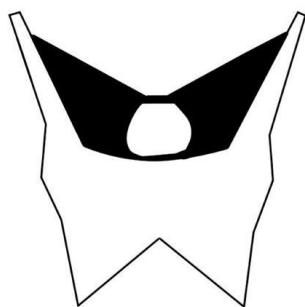
COR: BRANCO COM FUNDO
CONTRASTANTE EM PRETO

MARCA: GABRIELA FOLHA

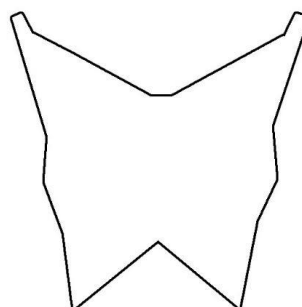
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 001

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: BLUSA
ESTRUTURADA FEITA A PARTIR
DA JUNÇÃO DE DUAS
LUMINÁRIAS EVOÁ COM
INTERIOR EM COR
CONTRASTANTE.



evoá



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MARCA: GABRIELA FOLHA

MODELO: BLUSA SOLAR

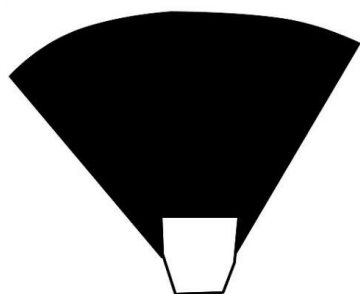
COLEÇÃO: YIN-YANG

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

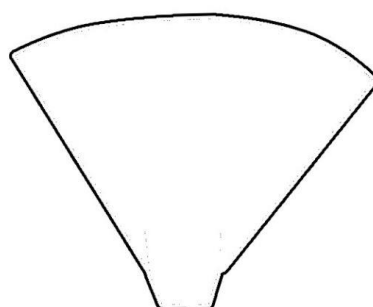
REF: 002

COR: BRANCO

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: BLUSA
ESTRUTURADA COM COSTAS EM
EVIDÊNCIA, FEITA A PARTIR DE
RECORTES E ENCAIXES
BASEADOS NAS DOBRAS DA
LUMINÁRIA SOL



sol



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MARCA: GABRIELA FOLHA

MODELO: TOP LIBERTÉ

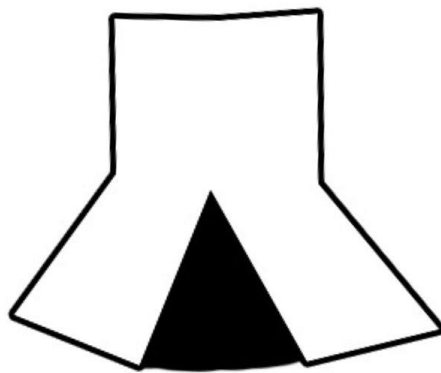
COLEÇÃO: YIN-YANG

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

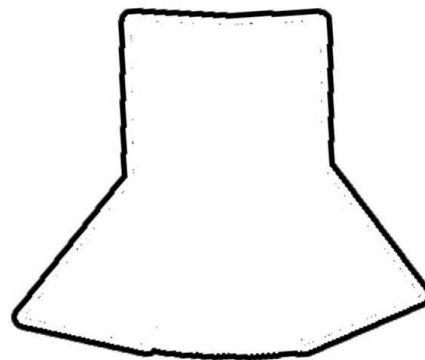
REF: 003

COR: METADE BRANCO E
METADE PRETO

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: TOP ESTRUTURADO
BICOLOR FEITO A PARTIR DE
RECORTES E ENCAIXES
BASEADOS NAS DOBRAS DA
LUMINÁRIA EVOÁ



evoá



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: VESTIDO QUEDA LIVRE

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

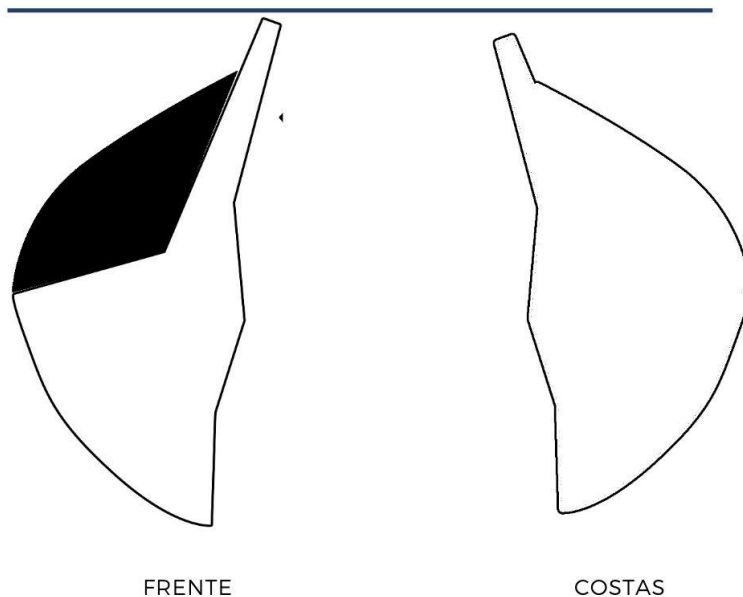
COR: BRANCO COM FUNDO
CONTRASTANTE PRETO

MARCA: GABRIELA FOLHA

COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 004

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



DESCRIÇÃO: VESTIDO
ESTRUTURADO ASSIMÉTRICO
FEITO A PARTIR DA LUMINÁRIA
EVOÁ EM ESCALA GRANDE



evoá



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: VESTIDO CONTRASTES

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

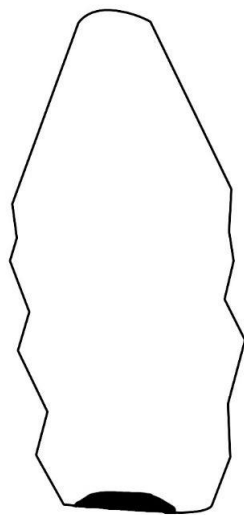
COR: CAMADAS BRANCAS E
CAMADAS PRETAS

MARCA: GABRIELA FOLHA

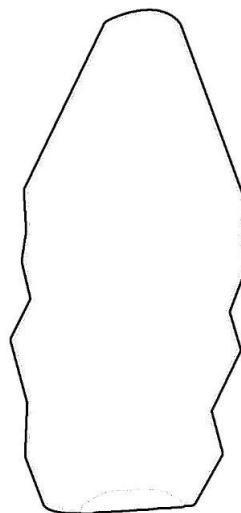
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 005

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: VESTIDO
ESTRUTURADO EM CAMADAS
FEITO ATRAVÉS DE MOLDES
CONTRASTANTES DA LUMINÁRIA
HORUS



horus



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: BOTTOM TEXTURAS

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

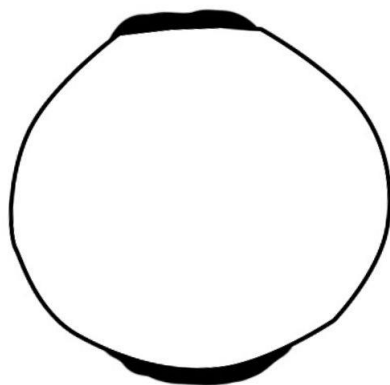
COR: BRANCA

MARCA: GABRIELA FOLHA

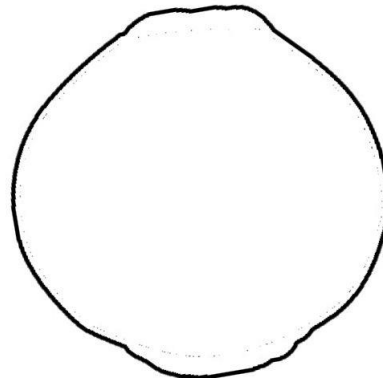
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 006

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO:

SAIA ESTRUTURADA
REDONDA BASEADA
NA LUMINÁRIA MARÉ



maré



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MARCA: GABRIELA FOLHA

MODELO: TOP DISCO

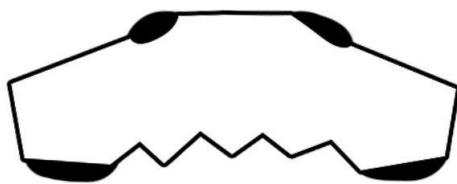
COLEÇÃO: YIN-YANG

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

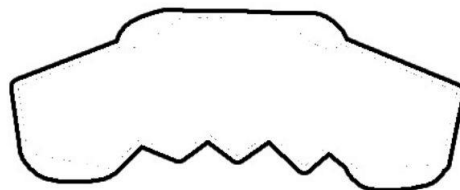
REF: 007

COR: PRETO

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO:

TOP ESTRUTURADO
RETO BASEADO NA
LUMINÁRIA DUSOL



dusol



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: VESTIDO SIAMESA

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

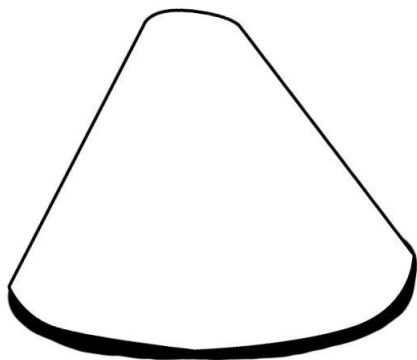
COR: METADE PRETO, METADE
BRANCO

MARCA: GABRIELA FOLHA

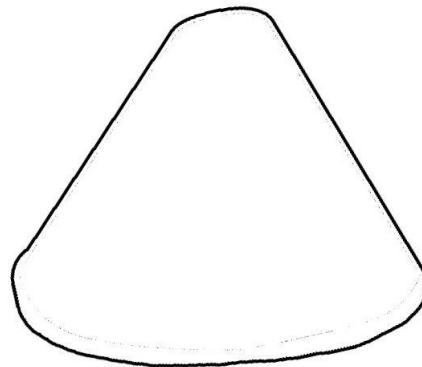
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 008

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: VESTIDO
ESTRUTURADO BICOLOR
FEITO A PARTIR DE
RECORTES EM CORES
CONTRASTANTES DA
LUMINÁRIA SOL



sol



FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: TOP VOLUMES

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

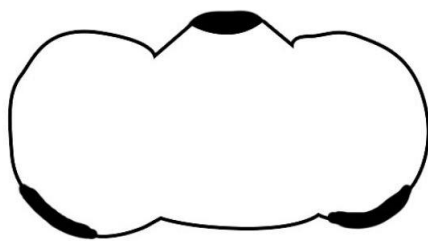
COR: MEIO PRETO E MANGAS
BRANCAS

MARCA: GABRIELA FOLHA

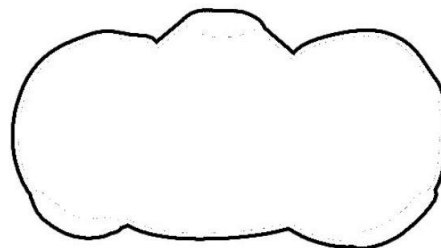
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 009

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO:

TOP CONTRASTANTE
COM MANGAS E CENTRO
ESTRUTURADOS A
PARTIR DA LUMINÁRIA
MARÉ



maré

FICHA DE DESENVOLVIMENTO

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MODELO: BOTTOM SUSPIRO

GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

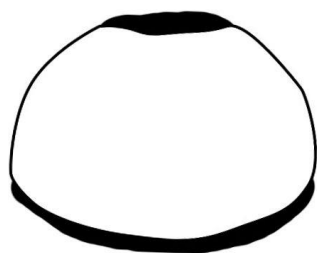
COR: BRANCO

MARCA: GABRIELA FOLHA

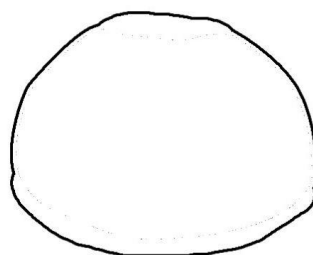
COLEÇÃO: YIN-YANG

REF: 010

MATERIAL: PAPEL COLORPLUS
180G



FRENTE



COSTAS

DESCRIÇÃO: SAIA
ESTRUTURADA BASEADA
NA LUMINÁRIA GOTA



gota

Imagens 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 42 – Fichas de desenvolvimento.

Fonte: desenvolvidas pela autora (2021)

5.5 Protótipo

O protótipo foi inspirado na luminária Evoá que, após diversos testes no corpo, se mostrou a mais vestível e confortável, por não machucar embaixo dos braços e nem impedir a movimentação. A peça se resume a uma parte de cima, onde a ideia começou como um *corset* ajustável e terminou como uma blusa sem alça. Para colocar o modelo em prática, foram necessárias três malhas que já estavam prontas, as quais foram unidas com cola transparente e a ajuda de pregadores para segurar cada pedaço. Além disso, por se tratar de modelos já existentes e com pequenas avarias, foram necessários alguns recortes para ajustes pontuais, como a adaptação das laterais para que a peça não caísse e a retirada de um pedaço de 4cm de uma das luminárias para que não folgasse no corpo. Ao terminar a peça, ocorreu a tentativa implementar uma forma de ajustar após vestir, porém, o papel acabava rasgando e dificultando todo o processo. Com isso, o modelo foi fechado na parte de cima de uma forma que ainda fosse possível vesti-la e o ajuste foi feito como um *draping*, direto no corpo.



Imagem 43 – Protótipo solto.

Fonte: Acervo pessoal (2021)





Imagens 44 e 45 – Processo de junção das luminárias e peça finalizada.

Fonte: Acervo pessoal (2021)

A peça finalizada resultou em um *top* com abertura na parte inferior frontal, trazendo uma estrutura de leque de cada lado. A altura ideal encontrada foi uma que não incomodasse abaixo do braço nem limitasse a movimentação, porém, o ideal seria achar alguma forma de ajuste além do *draping* nas costas para que o modelo pudesse se adaptar melhor ao corpo. É possível que com ilhós e corda esse ajuste se torne viável, no entanto, por se tratar do centro de trás da peça, o furo precisaria ser feito antes das dobras se iniciarem, para que o papel não amasse ou rasgue.

5.6 Ficha Técnica

FICHA TÉCNICA

DESIGNER: GABRIELA FOLHA

MARCA: GABRIELA FOLHA

MODELO: TOP LIBERTÉ

COLEÇÃO: YIN-YANG

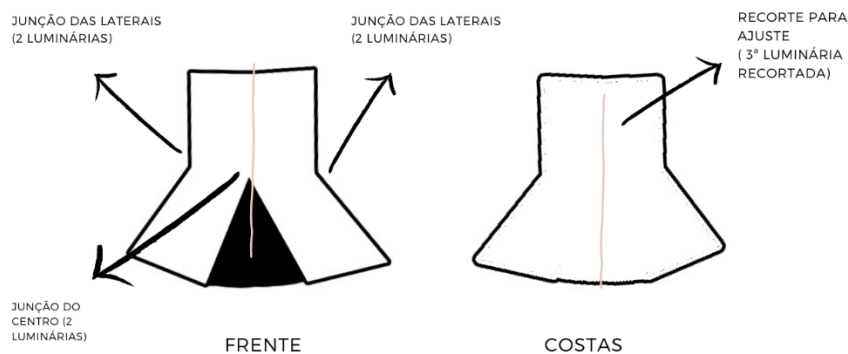
GRADE: SOB MEDIDA / MANEQUIM 34

REF: 010

COR: BRANCO

MATERIAL: PAPEL

DESCRIÇÃO: TOP ESTRUTURADO BICOLOR FEITO A PARTIR DE RECORTES E ENCAIXES BASEADOS NAS DOBRAS DA LUMINÁRIA EVOÁ



MATERIAIS: 3 FOLHAS DE PAPEL
COLORPLUS 180G, COLA TRANSPARENTE

ETAPAS:

1. PREPARAR A MALHA
2. MARCAR A MALHA
3. RECORTES E FUROS
4. COLAR

CUSTO MATERIAIS:

- 5,40 POR FOLHA
- 4,00 COLA



Imagem 46 – Ficha técnica.

Fonte: desenvolvida pela autora (2021).

Para a ficha técnica foram incluídos o material que levado para fazer o modelo: 3 folhas de papel cartolina Colorplus 180g e a cola líquida transparente, usada para ajustar o molde após fazer os recortes. Ao notar o preço dos materiais, foi entendido o quanto o trabalho possui um valor quase que inestimável. Uma folha de papel pode se transformar em uma dobradura com detalhes minuciosos, cheia formas e linearidades. Uma luminária Evoá custa atualmente R\$ 169,00, contudo, só nesse protótipo foram usados 3 delas nas quais, apesar de leves avarias, ainda estavam em perfeito estado para teste. Além do trabalho para elaborar o modelo, os ajustes feitos para criação do mesmo trouxeram na prática a compreensão do quanto coisas como tempo e mão de obra custam caro e valem cada centavo, principalmente quando se trata de um trabalho artesanal e tão preciso e meticuloso como esse.

6. Editorial

A semana reservada para o editorial foi marcada por muita chuva e vento forte. Com isso, foi preciso mudar os planos para botar em prática uma maneira que não perdesse nem o estilo pessoal e nem o da coleção. Tendo isso em vista, a inspiração veio de uma campanha desenvolvida para a matéria de Produção de Moda da professora Diva (6º período, 2021) onde foi preciso montar um cenário dentro do quarto com a ajuda de alguns equipamentos básicos, criando uma “gambiarra”, como dizia a mesma.



Imagem 47 – Backstage do Editorial.

Fonte: Acervo pessoal (2021)

Todo o editorial foi produzido dentro do quarto, com a ajuda de um *ring light*, abajur preso ao ar condicionado, espelho equilibrado em cima da cama, celular modelo Iphone XR, porta do armário e um banco pequeno. O mais interessante aqui é acompanhar o resultado e a forma que foi usada a ferramenta do *photoshop*! Inicialmente foi considerado retirar o fundo e fazer como uma revista, assim como na campanha da disciplina citada anteriormente, no entanto, os testes levaram para um caminho novo, que se inspira nos editoriais, mas também faz uso do conceito de colagens.



Imagem 48 – Foto bruta para editorial.

Fonte: Acervo pessoal. (2021)

Ao comparar as fotos brutas com o resultado final, é satisfatório conseguir passar um pouco do estilo pessoal e essência, que hoje são considerados mais característicos, mesmo dentro de uma situação adversa. Todas as fotos passaram por um tratamento de imagens no aplicativo *lightroom* e colagens e experimentações através do *Photoshop*. Fora isso, o editorial foi pensado de uma maneira que trouxesse a ideia do urbanismo e conceito de revista de moda, fazendo uso de um penteado em coque arrumado com gel, trazendo um ar mais conservador e, uma maquiagem geométrica e bicolor, nas cores da coleção. Nesse meio tempo, também entregando uma pele mais *clean*, com aplicação de sardas falsas e sobrancelhas penteadas para cima, com o objetivo de gerar a ideia da dualidade entre o conceitual e o natural. No total, foram realizadas 4 colagens para a campanha, pensadas de uma maneira que formasse um mini catálogo dobrável conforme foto abaixo:



Imagem 49 – Disposição do catálogo aberto.

Fonte: desenvolvido pela autora (2021)







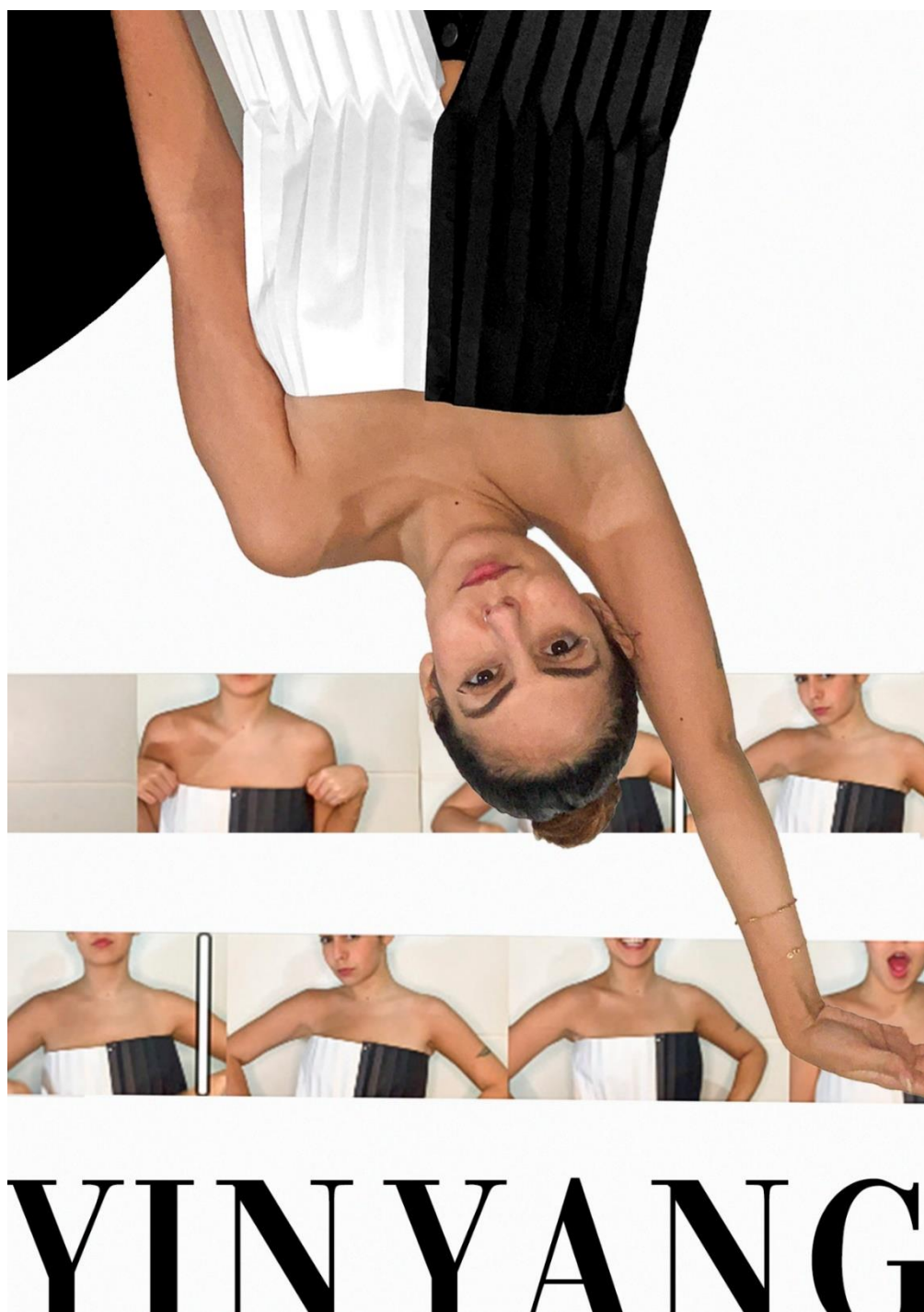


Imagem 50, 51, 52 e 53 – Editorial Coleção YIN YANG.

Fonte: fotografado e desenvolvido pela aluna (2021)

Créditos:

Modelo: Gabriela Folha

Fotografia e iluminação: Gabriela Folha

Peça: Gabriela e Daniela Folha

Styling: Gabriela Folha

Maquiagem: Gabriela Folha

Considerações Finais

O estudo dos origamis possui diversas possibilidades de aplicação no cotidiano e a moda também é uma delas. Poder entender melhor sua história, aplicações, artistas e criadores inspirados pela mesma, para além do meu núcleo familiar, foi um grande motivador para a criação da coleção YIN YANG.

Pelo fato de ter trabalhado com o papel, nota-se que ao executar uma peça, existem alguns obstáculos básicos por se tratar de um material tão pouco utilizado dentro da área da moda. Dentre as dificuldades encontradas, vale destacar o tempo, ainda mais no contexto da pandemia: achar o material correto, testar as dobras e entender a demanda que a silhueta exige é extremamente desafiador.

Um segundo desafio foi o planejamento dessas dobras em desenhos e testes bidimensionais, pois estes não relatam os volumes e o comportamento do material ou como adaptá-los ao corpo. Tudo melhorou com a possibilidade do acesso presencial à moldes e luminárias que não eram mais destinadas a venda, no entanto, ainda foi necessário trabalhar com muitas suposições sobre tamanhos e recorrer diversas vezes à ajuda da criadora da Vagalume, Daniela Folha, sobre a reação das dobras em casos imaginários. Além disso, a necessidade de ajustes no papel Colorplus 180g se mostrou complexa, pois ao notar que seria necessário fazê-los, o papel amassou e chegou a rasgar e, logo após o editorial, o modelo ficou bem avariado, com marcas de amassado e até um pequeno rasgo na junção frontal da peça.

Todas essas questões mostraram que o material ideal para servir como roupa não seria o papel usado no protótipo ou, pelo menos, que levariam alguns bons anos de teste e prática para entender que estruturas funcionam e em que situações. Os próximos testes poderiam ser feitos em tecidos

entretelados, para que atendam ao conforto e vestibilidade sem perder a armação que exigem as dobras dos origamis.

Apesar dos problemas encontrados, a forma de pensar através do *design* trouxe um estímulo para ser mais assertiva nos próximos passos, além de guiar a pesquisa e o processo criativo de forma linear. As soluções encontradas de modelar a peça fazendo uso dos métodos de draping no próprio corpo foram primordiais para a exploração do trabalho e elaboração de hipóteses: levantar perguntas quanto ao material, testar modelos, cortes e dobras...Design também é mudar os rumos dos estudos e fazer uso das ferramentas que possuímos para tentar encontrar o melhor resultado possível e entender o que dá certo.

A coleção nasceu com o intuito de trazer um pouco dos detalhes de uma empresa familiar para o âmbito *fashion*, unindo o design de produto com o de moda e adicionando também a essência autoral que o curso ajudou a encontrar. Ela representa a união e dualidade do clássico com o moderno, da fluidez com matemático, do preto com o branco, do YIN e do YANG.

. Após todas as observações levantadas, uma próxima etapa da pesquisa se resumiria ao teste mais aprofundado dos materiais, podendo variar entre tecidos entretelados, outros tipos de papéis, materiais sintéticos, alternativos ou até mesmo sustentáveis, como é o caso das roupas feitas através do *kombucha*. Um outro desdobramento poderia ser uma parceria colaborativa com a marca de luminárias, para juntas, desenvolver algumas peças que atendam as dobraduras e a vestibilidade.

Referências

A BELEZA do origami na moda e modelagem. **Sindicato da Indústria**, [S. l.], p. 1-7, 31 maio 2017. Disponível em: <http://www.sindicatodaindustria.com.br/noticias/2017/05/72,112110/a-beleza-do-origami-na-moda-e-modelagem.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

AIDAR, Laura. **Origami**: definição, origem e significados. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origami/>. Acesso em: 12 maio 2021.

ARCANGELI, Cris. **Phytoervas Fashion**: A história da Moda no Brasil. São Paulo, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://crisarcangeli.com/phytoervas-fashion-e-a-historia-da-moda-no-brasil/>. Acesso em: 23 maio 2021.

A REVOLUÇÃO Origami: The Origami Code. Intérprete: Sarah Holt. Compositor: François Xavier Vives. *In*: A REVOLUÇÃO Origami: The Origami Code. Compositor: François Xavier Vives. Intérprete: Sarah Holt. França: La Compagnie des Taxi-Brousse, 2017.

A REVOLUÇÃO Origami. **Ciência Viva**, [S. l.], p. 1-7, 20 jan. 2017. Disponível em: <http://cienciaviva.org.br/index.php/2020/04/09/a-revolucao-origami-the-origami-code/>. Acesso em: 8 set. 2021.

AKIRA Yoshizawa.: O grande mestre do origami. 14 mar. 2012. Hype Science. Disponível em: <https://hypescience.com/akira-yoshizawa/>. Acesso em: 1 set. 2021.

CHRISTIAN Dior Spring 2007 Couture. **Vogue**, [S. l.], p. 1, 21 jan. 2007. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2007-couture/christian-dior#review>. Acesso em: 8 set. 2021.

COHEN, Allen C. **Beyond basic textiles**. New York: Fairchild, 1982. 323 p

COLEÇÃO 132 5: Issey Miyake traz roupas ecológicas em forma de origami. **Fashion Bubbles**, São Paulo, p. 1-3, 29 mar. 2012. Disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/colaboradores/colecao-132-5-issey-miyake-traz-roupas-ecologicas-em-forma-de-origami/150590/>. Acesso em: 27 out. 2021.

CRANES made by Origami Paper. 18 dez. 2007. Wikipédia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cranes_made_by_Origami_paper.jpg. Acesso em: 20 out. 2021.

DIANA Gamboa: Tejedora de Papel. **Gente Amarelo**, Colombia, p. 1-4, 9 jun. 2017. Disponível em: https://issuu.com/editorialac/docs/diana_gamboa. Acesso em: 22 set. 2021.

DIAS, Marília de Fátima Barbosa; POCL, Barbara Valle. **Aplicação do origami no vestuário feminino**. Rio de Janeiro, 2016. 79 p. TCC (Graduação em Tecnologia em Produção de Vestuário) - SENAI CETIQT, Rio de Janeiro, 2016

ESCOLA, Equipe Brasil. **"Origami"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/origami.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2021.

HEE-GWEON WOO (ORG).; HONG LI (ORG). **Advanced functional materials**. New York: Springer, c2011. 227 p. ISBN 9787308081665

HISTÓRIA da Issey Miyake: Vida, biografia e história. **Portal São Francisco**, [S. /], p. 1-2, 6 maio 2018. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-da-issey-miyake>. Acesso em: 31 out. 2021.

IBAIA, Portal (ed.). **Jum Nakao Conta Porque Fez o Histórico Desfile das Roupas de Papel**. Salvador, 18 jan. 2011. Disponível em: <https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/jum-nakao-counta-porque-fez-o-historico-desfile-das-roupas-de-papel/>. Acesso em: 22 maio 2021.

ISSEY Miyake: e a arte do Origami na moda de vanguarda. **Stylo Urbano**, [S. /], p. 1, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://www.stylourbano.com.br/issey-miyake-e-a-arte-do-origami-na-moda-de-vanguarda/>. Acesso em: 4 out. 2021.

ISSEY Miyake lança seu novo conceito: 132 5. **Fashion Network**, [S. /], p. 1, 15 set. 2020. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/issey-miyake-lanca-seu-novo-conceito-132-5-,123767.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

KAWANAMI, Silvia. História da Estátua das Crianças da Bomba Atômica. **Japão Em Foco**, [S. /], p. 2, 9 ago. 2011. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/historia-e-significado-do-monumento-da-paz-das-criancas/>. Acesso em: 7 set. 2021.

LIMA E SILVA, Ana Gabriela da Silva de. **Origami: quadrados, dobras e design**. Rio de Janeiro, 2008. 86 p. TCC (Graduação em Design, habilitação Moda) - SENAI CETIQT, Rio de Janeiro, 2008.

L'OFFICIEL, Redação. **10 frases do mundo da moda para te inspirar**. São Paulo: L'Officiel, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistalofficiel.com.br/moda/10-frases-do-mundo-da-moda-para-te-inspirar>. Acesso em: 2 nov. 2021.

LOPES, Lizander Augusto da Costa; VIELMO, Ana Silvia de Lima; RODRIGUES, Maria Cecy Pereira. **Análise e reconhecimento de materiais têxteis**. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT, 2010. 227 p. ISBN 978-85-60447-46-6

MCARTHUR, Meher; J. LANG, Robert. **Folding Paper**: The Infinite Possibilities of Origami. Washington, D.C: Periplus Editions (HK) Ltd., 2013. 96 p. v. 1. ISBN 978-0-8048-4338-6.

MEMLAK, Suzana. **Biografia de Jum Nakao**. São Paulo, [201-?]. Disponível em: <https://www.jumnakao.com/bio/>. Acesso em: 20 maio 2021.

NAKAO, Jum. A costura do invisível. São Paulo: SENAC, 2005. 200 p. ISBN 85-7359-410-1

PHILLIPS, Peter L. **Briefing**: a gestão do projeto de design. São Paulo: Blucher, 2008.

PRADA Spring 2013 Ready To Wear. **Vogue**, [S. l.], p. 1, 19 set. 2012. Disponível em: <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-2013-ready-to-wear/prada>. Acesso em: 17 out. 2021.

PRODANOV, Laura; KUNZ, Marinês; REPENNING, Sibele. **A Costura do Invisível**: Coleção e Desfile de Jum Nakao. Vol 1. Universidade Feevale: Revista Prâxis, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5255/525553742010/html/index.html#:~:text=No%20ano%20de%202004%2C%20Jum,at%C3%A9%20o%20seu%20desfecho%20inusitado>. Acesso em: 22 maio 2021.

STAR Ball by Jeannine Mosely. Alemanha, 17 nov. 2011. Flickr. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/aneta_a/6776330105/. Acesso em: 14 out. 2021.

THOMPSON, Rob. **Materiais sustentáveis, processos e produção.** São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2015. 223, [1] p. ISBN 9788539608423.

YOSHINORI HAYASAKA, Enio; MITIKO NISHIDA, Silvia. **Pequena História Sobre Origami.** Universidade Estadual de São Paulo, [201-?]. Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Documents/indice_origami.htm. Acesso em: 12 maio 2021.